

fascículo no todo - NRB 210987-0

i-sab

**5** ANO 3  
NÚMERO 5  
JULHO 1997  
REVISTA  
TEMÁTICA

ISSN 0104-7183

# Horizontes Antropológicos

## DIFERENÇAS CULTURAIS

NÚMERO ORGANIZADO POR  
Ruben George Oliven

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 309, julho de 1997

DaMATTIA, Roberto. *Torre de Babel. Ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996, 265 pp.

**Carlos Alberto Steil**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil*

Há bastante tempo a antropologia tem conseguido uma certa visibilidade pública na sociedade brasileira através da presença de seus representantes na mídia e no cenário político. Diversos antropólogos têm efetivamente conseguido ultrapassar as fronteiras do campo acadêmico, dirigindo suas reflexões para uma comunidade mais extensa como formadores de opinião. Entre todos, sem dúvidas, Roberto DaMatta é quem tem feito isto com maior sucesso. Sua presença na mídia tem contribuído para ampliar os olhares sobre a realidade brasileira, tornando familiar o prisma da antropologia.

O livro *Torre de Babel*, lançado pela Rocco, reúne uma série de crônicas que DaMatta escreveu semanalmente no *Jornal da Tarde*, entre julho de 1993 e julho de 1995. Acompanhando o cotidiano da vida política do Brasil e dos Estados Unidos, o autor vai desvendando os aspectos antropológicos que vão tecendo os fatos e as situações no momento mesmo que acontecem.

A leitura destas crônicas hoje, permite revisitar o dia-a-dia desse período, decisivo para nossa sociedade, senão em termos do que fizemos, ao menos do que poderíamos ter feito. Do *impeachment* de Collor aos cem dias do governo de Fernando Henrique Cardoso, os temas que mobilizaram a sociedade brasileira, como a ética, a corrupção do Congresso, as eleições, as Reformas da Constituição, a violência, as chacinas do Carandiru e da Candelária, a Copa do Mundo são avaliados sob a forma de crônicas de jornal, mas com a erudição intelectual que permeia o pensamento de DaMatta.

São olhares sobre a realidade brasileira, vista a partir dos Estados Unidos, onde o autor trabalha como professor de antropologia, mas também olhares sobre os Estados Unidos, com toda intensidade da vivência brasileira. Como resultado, temos um texto que nos apresenta ao mesmo tempo uma visão íntima do Brasil e dos Estados Unidos, produzida a partir de experiências claramente biográficas, e uma avaliação objetiva das diferenças culturais próprias de que cada

uma destas sociedades que o autor pôde penetrar através do instrumental antropológico.

Das crônicas emerge com peculiar claridade a trama de significados que brasileiros e americanos foram tecendo para interpretar os acontecimentos e situar as relações sociais em cada uma destas culturas. A todo o tempo, DaMatta reintroduz a questão fundante da antropologia: "como são eles?" / "como somos nós?". Suas referências aos Estados Unidos resulta sempre como uma espécie de comentário exótico sobre a sociedade brasileira. Para o autor, comentar os eventos cotidianos de sua vida nos Estados Unidos, como o aniversário da secretária, uma piada de um colega, os procedimentos regimentares da função de chefe de Departamento, ou os fatos nacionais, como o julgamento de O. J. Simpson, a tragédia de Oklahoma, o individualismo americano, equivale a recapitular os grandes temas da cultura brasileira que são trabalhados em seus livros. (*Carnavais, malandros e heróis; A casa e a rua; O que faz o Brasil, Brasil; Relativizando; Explorações: ensaios de antropologia interpretativa e Conta de mentiroso*).

DaMatta nos oferece uma forma particular de descobrir a nós mesmos, oferecendo-nos como espelho os Estados Unidos, onde podemos nos ver em posição invertida. A cultura americana serve para questionar os pressupostos próximos e familiares da nossa própria cultura. No entanto, apesar da força argumentativa deste procedimento, há sempre situações de surpresa em cada uma destas sociedades. Contradições internas às nossas culturas nacionais que engendram fatos que não se explicam pela simples confrontação que as toma como totalidades. Noutras palavras, não somos o avesso dos Estados Unidos, como o livro de DaMatta poderia estar sugerindo.

Chamar atenção para a presença desta armadilha no texto, não significa que o autor não esteja consciente de sua existência. Na primeira crônica já aparece o alerta para que não nos deixemos prender nas suas malhas. "*Brasil/Brasil, Brasil-Brasil, Brasil+Brasil. Num caso a velha oposição do Brasil com ele mesmo; noutra, a idéia um pouco mais rara, mas já presente, de um Brasil ao lado do outro. Finalmente, o ideal de um Brasil que se soma e valoriza. Falarei desses Brasis por meio de uma postura comparativa. Lendo o Brasil por dentro e por fora*". Com certeza este tem sido o grande projeto de DaMatta, realizado através do conjunto de sua obra: desvendar *o que faz o Brasil, Brasil*.

Descobrir nas pequenas coisas os traços de nossa identidade nacional, buscando uma interpretação compreensiva da nossa cultura.

Enfim, encontramos nestas crônicas o testemunho de sua paixão pelo Brasil. Paixão esta que o próprio autor explicita, quando evoca a frase de Gilberto Freyre: "*Roberto, a diferença entre nós dois e os outros é que nós gostamos do Brasil*". Um amor que DaMatta não encontra nas elites nacionais, incapazes de se voltarem "*para o lado do povo, do bom senso e da eficiência*".

Farmer, Paul et al: *Women, poverty and Aids: sex, drugs and structural violence*. Monroe (Maine), Common Courage Press, 1996, 473 pp.

**Ondina Fachel Leal**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil**

O livro recém publicado nos Estados Unidos organizado por Paul Farmer tem pelo menos três méritos: consegue articular a análise antropológica e a abordagem médica da epidemia de Aids; recoloca para antropólogos que trabalham com questões relativas à saúde a tensão entre *classe social* e *cultura* enquanto categorias explicativas e, finalmente, aponta para o novo perfil epidemiológico da doença e a dinâmica social que envolve sua transmissão.

Paul Farmer é antropólogo e médico, professor na Universidade de Harvard, e publicou dois outros livros, *Aids and Accusation* (1992) e *The Uses of Haiti* (1994), tem extenso trabalho com questões relacionadas à Aids e à tuberculose tanto no Haiti quanto nos Estados Unidos. O livro é um projeto coletivo de um grupo de cientistas sociais e profissionais de saúde, grupo este que forma o Instituto por Saúde e Justiça Social, em Cambridge, um grupo de pessoas engajadas em mudança social e que mantêm uma série de trabalhos comunitários, além da reconhecida excelência de suas pesquisas. *Women, poverty and Aids* tem que ser pensado dentro do contexto acadêmico americano onde o fato de deixar às claras, assumindo um tom de denúncia política, a vinculação entre a epidemia da Aids e a desigualdade social causa, senão surpresa, intenso desconforto nos grupos intelectuais. Ou seja, o livro, em uma coletânea de artigos, a maioria dos artigos também coletivos, revela a partir de vários prismas aquilo que poderíamos chamar de uma economia política da Aids.

Não diferente de outras epidemias de doenças infecto-contagiosas (e o Brasil, bem o sabemos, tem uma longa história destas pragas: tuberculose, sífilis, doença de chagas, malária), o ônus destas doenças acaba sempre sendo maior nos grupos socialmente desprivilegiados, com menos recursos econômicos e, sobretudo, com menos poder. Está se falando aqui em uma equação direta de desigualdade: ainda que a Aids possa potencialmente (ou